

## O MUNDO PROSEADO: ENCONTROS COM MERLEAU-PONTY, GUIMARÃES ROSA E CHRISTOPHER BOLLAS

[THE PROSED WORLD: GATHERINGS WITH MERLEAU-PONTY, GUIMARÃES ROSA AND CHRISTOPHER BOLLAS]

Iraquitã de Oliveira Caminha\*  
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

**RESUMO:** Nossa intenção é problematizar o uso da linguagem no contexto em que se recorre a prosa para dizer o mundo em que vivemos. O mundo é o lugar em que instauramos nossa morada comum no seio linguagem. Para fazer o percurso de nossas elaborações, caminhamos com Merleau-Ponty, Guimarães Rosa e Christopher Bollas. Filosofia, Literatura e Psicanálise são convocadas para pensar que toda reflexão carrega consigo uma dimensão existencial irreduzível, que precede toda forma de pensamento. O caráter originário do mundo percebido é posto em foco para mostrar como a linguagem tem um aspecto de ser instituída pelo seu uso. Logo, não se concebe a linguagem sem considerar sua expressividade. Toda fala carrega consigo, de maneira originária, a gestualidade do corpo. O movimento de prosear o mundo nasce do poder expressivo da linguagem. Nosso texto revela como os três autores considerados apresentam a linguagem se instituindo como a emergência de sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mundo; Prosa; Linguagem; Expressividade; Merleau-Ponty; Guimarães Rosa; Christopher Bollas

**ABSTRACT:** Our intention is to problematize the use of language in the context in which prose is used to say the world in which we live. The world is the place where we establish our common dwelling within language. To make the route of our elaborations, we walked with Merleau-Ponty, Guimarães Rosa and Christopher Bollas. Philosophy, Literature and Psychoanalysis are summoned to think that every reflection carries with itself an irreducible existential dimension, which precedes every form of thought. The original character of the perceived world is brought into focus to show how language has an aspect of being instituted by its use. Therefore, language is not conceived without considering its expressiveness. Every speech carries with itself, in an original way, the gestures of the body. The movement to prose the world is born from the expressive power of language. Our text reveals how the three considered authors present language as the emergence of meaning.

**KEYWORDS:** World; Prose; Language; Expressiveness; Merleau-Ponty; Guimarães Rosa; Christopher Bollas

O propósito desse artigo é pensar como a linguagem descreve o mundo e, ao mesmo tempo, cria mundos intersubjetivos. Nossas reflexões terão como interlocutores: Merleau-Ponty com seu texto *A prosa do mundo*, Guimarães Rosa com seu romance *Grande sertão: Veredas* e Christopher Bollas com seu livro *A sombra do objeto: psicanálise do conhecimento não pensado*. Usaremos a metáfora do quiasma, criada por Merleau-Ponty, para propor um entrelaçamento entre as ideias dos autores e

\* Professor Titular do Departamento de Educação Física da UFPB. Professor do Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPB. Psicanalista. E-mail: [caminhairaquitã@gmail.com](mailto:caminhairaquitã@gmail.com)

seus textos. Nesse sentido, não obedeceremos ao ritmo de uma exposição linear, mas a elaboração de um escrito que segue trilhas tortuosas, que se enroscam, para mostrar o mundo proseado em sua construção. É por essa razão que o texto não tem divisões tão precisas para não comprometer o modelo de reflexão adotado. O quiasma funciona como uma orientação que estabelece o processo de produção de nosso texto.

O primeiro movimento de nosso texto se apegua a ideia de que é preciso desconstruir o fantasma de uma linguagem pura. Essa desconstrução é proposta por Merleau-Ponty na *Prosa do mundo*. Uma forma de se usar a linguagem é recorrer aos nossos estoques de vocabulários para designar coisas do mundo ou próprio mundo descrito de diferentes formas. Dizemos: “chove agora”. Tal expressão designa um estado de coisas observada. A linguagem serve para produzir enunciados que comunicam relatos de nossas percepções. Todavia, quando relatamos, não estamos apenas narrando passivamente. Estamos, sobretudo, nos expressando. Uma sentença não se reduz às construções convencionais de uma língua, mas evoca significações abertas a partir das falas vividas por corpos situados no mundo. A expressão revela um excesso do que se quer dizer em relação ao que se diz.

Merleau-Ponty reconhece um valor expressivo do algoritmo, que carrega consigo o projeto de uma língua universal. Esse reconhecimento exige uma valorização da fala e escrita viva e criativa. A palavra sol não se sustenta apenas quando posta no sol como realidade efetiva. O ponto de partida para quem fala e quem escreve é o silêncio que se volta para o que se quer dizer e escrever. Para Merleau-Ponty, o fluxo das palavras vem sempre ao socorro do silêncio. As palavras provêm das coisas mesmas na medida em que o mundo proseado se apresenta como possibilidade de ser exprimido.

O mundo proseado ganha força de expressão no sertão de Guimarães Rosa. O sertão está em toda parte. A escrita ganha a força de ter que dizer a vida daqueles que precisam recorrer a criatividade no dizer para poder expressar o sertão que está em todo canto. Viver é negócio perigoso, diz Guimarães Rosa repetidas vezes em seu texto. Sonoridades múltiplas se fazem presentes no texto, buscando dizer o indizível da língua portuguesa, que se excede para poder mostrar, por exemplo, Aleixo, um homem afilharado lá do sertão. Fala do homem que tosse com sua tosse que puxa secos peitos. Pergunta: “por que o governo não cuida”? Afirma: “todo-o-mundo é louco”. Só a reza é que sara da loucura. A religião nos faz desendoidecer. Não somente uma, mas todas as religiões devem ser bebidas. Nesse emaranhado de palavras e frases, uma tessitura vai se formando para expressar o mundo proseado do sertanejo.

A escrita de Guimarães Rosa é um belo exemplo da experiência de várias personagens que expressam o sertão do seu modo, guardando sempre algo indecifrável. O sertão é lugar de fortes e astuciosos. Lá o pensamento se forma de uma maneira mais forte do que poder do lugar. É neste lugar que as pessoas vão afinando e desafinando suas falas como se em toda fala ou escrita tivesse sempre uma musicalidade a ser expressa. É nessa musicalidade que se procura expressar que nós nos renovamos permanentemente. Nesse sentido, “As pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando” (GUIMARÃES ROSA, 2019, p.24).

A linguagem, antes de ser pensada, ela se faz em nossas vidas como experiência estética. Pronunciamos palavras para se amparar em encontros estéticos que inventam mundos. Antes da linguagem ascender ao mundo representado, ela é vivida como idioma revelador de uma natureza estética ou não-pensada. É nesse contexto, que Christopher Bollas (2015, p. 67) afirma que “o idioma de cuidado da mãe e a experiência do bebê deste cuidado é uma das primeiras, senão a mais precoce, estética humana”. Somos permanentemente transformados pelo idioma da mãe, que dá forma ao mundo interno do bebê. O idioma materno oferece ressonância subjetiva de nossas relações objetais. O cuidado materno se torna a forma fundamental de comunicação.

Seguindo os passos de Bollas, a fala e a escrita é antes de tudo um objeto transformacional, que significa dizer que quando se está angustiado podemos encontrar um caminho de saída do desconforto por meio do contato estético das expressões da língua que nos alcança. Para ilustrar essa busca, que pode ser considerada não somente com um texto literário, mas com várias formas de expressões artísticas, Bollas descreve o encontro de Ishmael com um quadro. Ele é uma personagem do romance *Moby Dick* de Herman Melville. Ishmael ficou compenetrado e congelado pela imagem da pintura, que ele contemplou. Sua atenção se volta para aquela imagem de maneira intensa e extraordinária. Era uma baleia exasperada que pretendia saltar por cima do barco. Uma espécie de Leviatã gigantesco, que flutuava numa espuma indefinível, tomou conta de sua visão. Nesse contexto, Bollas mostra que Ishmael foi tomado por um prazer misterioso de ser envolvido por uma pintura que lhe trouxe uma experiência estética transformacional. A pintura confusa de uma baleia cativou profundamente Ishmael.

Merleau-Ponty diz que quando somos cativados por um livro, por exemplo, somos afetados de maneira tão intensa que não se vê mais as letras na página. Ficamos sem saber quando realizamos a virada da página. Uma percepção é realizada habitando a obra de maneira singular e inesgotável. Merleau-Ponty compreende que a virtude da linguagem é nos lançar ao que ela significa, mas também se dissimular aos nossos olhos pela sua operação de se disfarçar e nos acessar ao mundo para além das palavras. Quando as palavras perdem o seu calor, elas se reduzem a um conjunto de signos sobre a página. Ela se fecha apenas no seu poder de representação. O calor das palavras é a força expressiva daquele que fala ou escreve e daquele que escuta ou lê. Desse modo, o sertão, revelado por Guimarães Rosa, é uma maneira de ser antes de mostrar representações mentais sedimentadas pelo pensamento. De modo semelhante, o Ishmael de Bollas não consegue definir o que vê, pois sua experiência de estar cativo pelo quadro é da ordem de um conhecido não representado. As abstrações não são formulações que seguem regras gramaticais e lógicas. Elas buscam dar ordem compreensiva às experiências estéticas que nos faz sentir o mundo antes de qualquer representação.

Há um movimento do olhar e do desejo que sustenta nossas relações com o mundo. Antes da linguagem fornecer estruturas de compreensão da realidade, existe a fala e a voz que buscam se fazer presente pela expressividade. Nesse sentido, o mundo proseado não é apenas o que a linguagem possibilita estruturar em possíveis entendimentos e concepções. Para Merleau-Ponty, existe duas linguagens. Uma é adquirida, que acaba desaparecendo diante do sentido do qual se tornou portadora. A outra é aquela que se faz no momento da expressão, que nos permite fazer a passagem dos signos ao sentido. É a partir dessas duas compreensões da linguagem que Merleau-Ponty diferencia linguagem falada e linguagem falante. A primeira se caracteriza como a linguagem que carregamos conosco por meio da massa das relações de signos estabelecidos com o conjunto de significações disponíveis. A segunda é a linguagem que se define pelas interpelações que o mundo faz às nossas vidas e nos conduzem a secretar novas significações.

Nesse momento, lanço meu olhar para um cartão postal do quadro *Os comedores de batatas* de Vicent van Gogh, que já tive a oportunidade de apreciá-lo no museu Van Gogh em Amsterdam. Lembro como se fosse hoje dessa experiência estética encantadora. Agora revivo tal experiência olhando para o cartão postal. O quanto esse quadro me arrebatou. Vejo um lugar sombrio de pouca luz. Cinco pessoas em torno da mesa, comendo batatas e tomando café. Seus rostos, apesar de uma das pessoas estar de costas, impossibilitando vê-la, me falam de uma melancolia profunda. Parece que tudo está frio, mas o calor das batatas e do café quebram a frieza do lugar e das pessoas. A linguagem que recorro para descrever o que vejo é uma faceta da linguagem, que não

consegue encobrir aquela que nasce em mim como reveladora das imagens que aparecem para mim. Há aqui um misto de objeto visto e objeto criado. O quadro que tanto gosto, não poderia fazê-lo. Mas, posso fazer o gesto de lançar meu olhar e receber do quadro um apelo de ser visto para manifestar seus encantos mágicos. O quadro se instalou no meu mundo e eu me instalei no mundo dele, formando um quiasma intercorpóreo. Esse quiasma é a afetação interativa de um encontro do lá e do aqui, vivido pelos corpos que se interagem.

### **SENTIDOS ORDINÁRIOS E EXTRAORDINÁRIOS: O JÁ VIVIDO E O AINDA POR VIVER**

As experiências de elaborar prosas sobre o mundo é permeada por significações adquiridas e disponíveis. Assim, podemos destacar sentidos ordinários estabelecidos e encontrar sentidos extraordinários ainda não elaborados. Quando Bolla se refere ao idioma da mãe que cuida, ele deseja acenar para o estilo da pessoa que cuida. Esse estilo é passado para o bebê de um modo não pensado ou não representado. Ele passa a habitar o corpo do bebê como maneira de se comportar a partir da presença do outro. O modo da mãe ir ao encontro das necessidades do bebê estabelece uma estética primordial que sempre vem à tona quando nos encontramos desamparados. Reencontrar com a estética dos cuidados maternos nos faz buscar nossos objetos transformacionais. Bolla fala que essa busca é guiada por uma memória existencial de natureza ontogênica, que se caracteriza por uma memória do processo vivido na relação entre os corpos.

Não se pode sair do mundo para proseá-lo. As elaborações prosaicas são vividas sempre a partir do corpo situado no mundo. É sempre a partir dessa situação que gera dois caminhos: um já vivido e outro ainda por viver. É por essa razão que Merleau-Ponty (1991) afirma que a filosofia não é um léxico em que encontramos as definições de tudo já estabelecido sem reservas. Nesse sentido, a linguagem já instituída excede nossos modos de existir. É por essa razão que sempre cabe uma pergunta “onde tudo já parece esclarecido?”. É movido pela força dessa pergunta que Riobaldo, personagem central de Guimarães Rosa, é um jagunço que sempre está fazendo questões provocativas para o seu compadre Quelemém. Ele é uma espécie de filósofo sertanejo. Por exemplo, ele pergunta se o diabo existe ou não existe. Essa personagem central do universo religioso, trazido do mundo judaico para o cristianismo e islamismo, revela todo problema da malignidade. Nesse cenário, nasce a questão se é possível vender a alma ao diabo. Segundo Riobaldo, nas letras de Guimarães Rosa, isso é absolutamente impossível. Se trata de uma invenção falsa. Tal impossibilidade está vinculada ao entendimento que Riobaldo tem da alma, que tem uma existência absolutamente singularizada. Nunca se pode perder aquilo que nos define como particular. Somos influenciados pelo diabólico que nos afeta. Ele pode deixar marcas em nossas vidas, mas não elimina nossa forma peculiar de ser. Nossa abertura para prostrar o mundo é sempre a partir de nosso olhar já vivido e do ainda por viver. Temos sempre um estoque de significados do mundo ao nosso alcance. Mas aquilo que está em nossas mãos não nos deixa apenas acomodados. Existe sempre uma inquietude que brota um renovo em nossas vidas.

O diabólico em nós revela forças poderosas que nos faz agir com vigor e coragem, realizando o que parece impossível. Riobaldo precisa dessa força para lutar na realização de seus desejos em terras difíceis. A ideia de pacto nasce como se essas forças fossem estrangeiras. Elas habitam nossas vidas como um estranhamento que já tem morada em nós. É por essa razão que Guimarães Rosa deixa sempre essa dúvida no ar: em que medida Riobaldo fez ou não fez um pacto com o diabo? “O diabo está na rua

e no meio do mundo”, diz Guimarães Rosa sob a forma de uma espécie de epígrafe de toda a obra. Não se vive sem a linguagem já sedimentada, mas ela não é suficiente. Precisamos recorrer a força criativa da linguagem que expressa nossos desejos e intenções renovados em nossas vidas. O grande inimigo era Hermógenes, o jagunço que Diadorim precisava realizar um ato de vingança. É nessa busca de encontrar forças para realizar essa vingança que o diabólico aparece. A vingança parece impossível, mas uma força estranha pode trazer o que não se tem para fazer o que parece não ser possível. Essas reflexões revelam o quanto o tema do diabólico é do campo da linguagem expressiva. A vingança não é só uma ação efetiva no mundo dos eventos reais. Ela é uma expressão de um corpo falante buscando prosear mundo. Nas encruzilhadas das veredas da vida e da morte, buscamos forças para expressar o que nos parece impossível.

A linguagem tem sempre o momento da expressão. Nesse sentido, o livro de Guimarães Rosa revela um momento em que o texto toma conta de mim como leitor. Toda a carga de significados que carrego comigo aponta os caminhos que irei percorrer na leitura. Mas existe também questões do livro que meu repertório linguístico não consegue dar conta. O confronto entre o autor e o leitor nos revela perspectivas múltiplas de olhares. Logo, o sertão, esse lugar distante do litoral brasileiro, tem muitas veredas possíveis de interpretação. Tal perspectiva justifica o próprio título da obra, cunhado por Guimarães Rosa.

É pela condição de ser sujeito falante que ultrapassamos todas as leituras. É nesse cenário que nasce, segundo Merleau-Ponty, a gesticulação linguística. A fala falada pode ser repetidas vezes realizada por uma determinada comunidade linguística. Todavia, a fala falante somente pode ser efetivada pelo meu corpo que tem o poder de inventar gestos. Toda gesticulação, que envolve o diálogo entre os proseadores do mundo, está sempre permeada por gestos que produzem mímicas que buscam dizer mais do que se pode dizer com a linguagem já estabelecida. Para Merleau-Ponty, há uma linguagem operante ou constituinte que surge quando a linguagem constituída esgota seu poder de doação de sentido.

A linguagem não se reduz a um conjunto de reservas de significações. Ela também se estabelece como significações vivas com suas estruturas abertas para o extraordinário. O fenômeno da expressão se faz presente na obra literária e, no nosso entendimento, *Grande sertão: Veredas* é um caminho propício para encontrarmos a experiência viva da expressão. Por essa obra, podemos pensar o mundo proseado não apenas considerando sujeitos que falam, mas em especial sujeitos falantes. Todo o exercício criativo de Guimarães Rosa de usar sua escrita, por meio da força inventiva de seu palavreado, ilustra bem a linguagem expressiva. Os sertões não são apenas designações geográficas sem as paisagens vividas por múltiplos olhares que se engajam para fazer existir uma linguagem carregada de falas. Assim, o mundo proseado não é apenas o registro de falas elaboradas, mas um sistema aberto de produções falantes que fazem circular criativamente a palavra.

Quando usamos a palavra no contexto psicanalítico para permitir sujeitos se expressarem em torno de seus sofrimentos psíquicos, estamos apostando que na linguagem eles possam se fazer emergir enquanto sujeitos falantes. Com a psicanálise, a linguagem encontra seu sentido inesgotável. O sistema da lógica e da gramática, organizados por meio de algoritmos bem definidos e padronizados, não conseguem dar conta do encontro, movido por falas e escutas, vividos pelo par analítico. Do mesmo modo, o referido sistema não pode limitar as elaborações dos sujeitos falantes que são leitores de uma obra literária. A psicanálise e a literatura renovam as significações adquiridas pela linguagem falada. Ambas nos lançam ao estado nascente e vivo, que a gestualidade do sujeito falante opera em suas falas. Quando leio os sertões de

Guimarães Rosa ou quando estou na minha sessão de análise, sou lançado num mundo aberto e vulnerável das elaborações falantes da linguagem.

Para Merleau-Ponty, o falar e o compreender são formados por um único sistema “eu-outrem”. O arauto desse sistema não é um eu puro que considera o outro com sendo da ordem do concebido como pensamento. O filósofo recorre à compreensão do eu dotado de um corpo e, ao mesmo tempo, ultrapassado por esse corpo. Enquanto sujeito encarnado, estaremos sempre expostos ao outro, do mesmo modo, que o outro sempre estará exposto a mim mesmo. Projetamos sempre um no outro para se deixar fazer, desfazer e refazer pelas falas. Se desejamos prostrar com alguém, é preciso dispor de uma língua que nomeie coisas visíveis para mim e meu interlocutor. Todavia, tal exigência revela a dimensão da linguagem como meio das relações humanas sem destacar o poder da linguagem como expressão de coisas. Na nossa compreensão, é o poder de expressão da linguagem que se faz presente de maneira evidente na prática da clínica psicanalítica e nos textos literários. Eis a razão de propor encontros entre Merleau-Ponty, Guimarães Rosa e Christopher Bollas.

## COMUNICAÇÃO E SENTIDO DA LINGUAGEM

As narrativas e conversações são marcadas por vários deslocamentos semânticos em função de nossas vontades de expressão. A linguagem tem o poder de tornar possível o fenômeno da comunicação e do sentido. Para compreender esse fenômeno, seguindo os passos de Saussure, Merleau-Ponty mostra que não basta apenas apelar para a história da palavra ou da língua para encontrar o sentido atual delas. Do mesmo modo, recorrer à etimologia não garantirá alcançar o sentido primordial das palavras ou da língua. O foco de Merleau-Ponty é considerar os sujeitos falantes para atingir o coração do caráter expressivo da linguagem. Está na vontade de se exprimir e compreender os membros de nossa comunidade linguística que falamos e dialogamos. Nesse sentido, ainda apelando para Saussure, Merleau-Ponty recorre a ele para destacar que não basta uma linguística da língua. É preciso uma linguística da fala. As atenções se voltam para os momentos vivos da fala que se destina para a comunicação. É óbvio que apelar para uma linguística da fala é algo desconcertante na medida em que a linguística é sempre da língua. Mas, essa suposta linguística se ocupa em pensar a fala como objeto de estudo cujo tema central é a sua força expressiva.

É possível dizer que Guimarães Rosa faz de seu romance sobre o sertão uma espécie de estudo de linguística da fala estruturada pela escrita. Palavras são inventadas para tornar possível a expressão da linguagem. Fusões de palavras buscavam tentar nomear o que se apresentava inominável. Movido por uma prosa criativa, Guimarães Rosa escreve o sertão, pelas narrativas de Riobaldo, lançando questões sobre o drama de ser humano no mundo em que vivemos. O romance torna a linguagem fluída e dinâmica. O deslizamento do sentido das palavras se faz presente nas falas que circulam no texto. No romance, aparece o poder da vontade de se exprimir mundos vividos por sujeitos falantes. A exuberância verbal torna-se livre para produzir um texto de natureza universal, pois trata do humano atravessado pelo sertão, mas para além do sertão. As flutuações da linguagem ganham força no poder expressivo da língua pela prática da fala. Amor e guerra se entrelaçam para dizer quem somos. A vida é narrada em sua dinâmica de realização. Essa extraordinária narrativa nos invade com uma força literária em que a escrita é rica de neologismo que não se estabelece por caprichos linguísticos, mas pela tentativa de dizer o que a língua nos limita. Se expressando com a língua que se tem a mão para falar de seu destino aberto no mundo dos sertões, Riobaldo se lança na aventura de se encontrar consigo mesmo.

O modo como Bollas define, em seu livro *Forças do destino: psicanálise e idioma humano*, a análise se encontra com a caminhada de Guimarães Rosa. Segundo Bollas, a tarefa de uma análise é possibilitar ao analisando entrar em contato com seu destino já traçado e abrir horizontes ainda não estabelecidos. A caminhada é elaborar um idioma próprio. Existe uma dimensão fatídica da vida. Essa dimensão corresponde para Bollas o senso de fado, ou seja, aquilo que não se pode mudar. Nesse sentido, ele não concorda com a ideia de que fado e destino sejam usados como sinônimos. Assim, o curso do destino pode ser alterado, rompendo os laços caprichosos do fatídico. Na nossa compreensão, a potência expressiva da fala retrata bem o caráter de abertura do destino.

Viver na terra exige que nós nos adaptemos aos elementos determinados e não escolhidos. Você pode plantar milho no tempo certo, segundo uma tradição de plantio já estabelecida. Mas, isso não impede que o acaso venha com toda força atrapalhar aquilo que foi planejado. Estamos o tempo todo submetido às forças de nossos dispositivos genéticos e determinantes culturais. Não temos como escapar deles. Mas, também temos aberturas na existência que nos fazem ser mais do que o já estabelecido. A prova viva dessa abertura está na própria elaboração da linguagem. Sujeitos falantes fazem análise para desenvolver seu poder narrativo de contar, recontar e reinventar sua história pessoal. É nesse sentido, que Freud apela para o dinâmico processo narrativo vivido na clínica psicanalítica. Em seu texto *Recordar, Repetir e Elaborar*, ele mostra que o processo analítico não se faz somente com produções repetidas de narrativas. Existem falas que se aventuram em dizer o que nunca foi dito, buscando assumir algum controle da vida e abrir portas para um futuro como horizontes abertos.

Fado e destino se misturam no cenário psicanalítico. Temos os dois enroscados. O presumível se associa ao potencial de abertura. O oráculo anunciador de um traçado de vida determinado não fecha as portas da liberdade. Reconhecer o predeterminado e apontar possíveis rompimentos com ele é a esperança da psicanálise e da literatura. É desse modo que lemos Bollas e Guimarães Rosa. Merleau-Ponty entra em cena nas conversas entre esses autores escolhidos pelo fato dele propor a ideia de que há uma subjetividade inalienável na fala pessoal daquele que fala. Somos cientes que existem forças contrárias nas conversações que podem abafar essa subjetividade. Todavia, na expressão das falas existe uma intenção de comunicar. O esforço que realizamos pela fala ou língua vivida ganha uma força expressiva que se lança para além das definições lexicais e gramaticais.

Segundo Masud Khan (1977), a situação analítica é um laboratório de formação do humano. Recorremos ao seu entendimento de um trabalho analítico que faz circular a palavra impedindo cristalizações do pensar. Consideramos que a construção de um romance, em especial *Grande Sertão: veredas*, é também esse lugar onde se produz o humano com suas questões inquietantes. A linguagem no contexto da clínica psicanalítica e na escrita romanceada revela a busca de sentido que realizamos em nossas expressões. Nessa perspectiva, o mundo proseado não se reduz a um objeto representado, mas morada de nossas expressões. A língua se revela plasmada de nossas experiências carregadas de sentido. Nossos estoques de vocábulos não são suficientes para dizer tudo o que desejamos dizer. Nem mesmos nossas reservas metafóricas conseguem dar conta de nossas elaborações expressivas. Estamos sempre buscando novos repertórios linguísticos para poder evocar nossos estilos de ser que não se reduzem às informações padronizadas.

Nosso corpo não é apenas regido por uma mecânica orgânica decifrada pela fisiologia. É obvio que essa mecânica governa nossos corpos por meio de reações bioquímicas. Mas, nosso corpo também é delineado por dispositivos biopolíticos, considerando que ele vive num contexto social e cultural. Todavia, esses elementos

bioquímicos e biopolíticos não podem esconder a possibilidade de atos intencionais e pulsionais do corpo. De um lado, somos corpos-sujeitos capaz de realizar atos configurados pelas intenções, desejos e vontades. Por outros, somos corpos-pulsionais que age segundo forças inconscientes. É no contexto de compreensão do corpo para além do biológico que nasce a possibilidade de apontarmos para um mundo simbólico em que a linguagem assume o lugar da morada própria do ser humano. É nessa perspectiva que Heidegger, em seu texto *Carta sobre o humanismo*, aponta que os pensadores e os poetas são os guardiões dessa morada. É por meio da tarefa de pensar e poetizar que se torna possível libertar a linguagem dos grilhões da gramática.

Quando a linguagem se torna técnicas de explicações, ela perde sua força expressiva. Nosso propósito é considerar que a linguagem não pode ser reduzida às elaborações de esquemas de explicações da realidade. O destaque é dado a linguagem como criadora de mundos proeados em que a expressão nunca é consumada e nunca se realiza como comunicação absolutamente bem sucedida. Está no corpo com sua voz, gesto e entonação a dinâmica de um estilo que situa a linguagem em busca de um horizonte de sentido que inventa formas de expressão.

Quando Guimarães Rosa fala do amor de Riobaldo despontado por Diadorim, ele revela um linguajar poético que diz abraçar com as asas de todos os pássaros a pessoa amada. Tudo cabe nos corações que se misturam. O amor pega e cresce. Ele fala de um amor inteiro. É assim que amor é a busca de achar o que é da gente. Os olhos verdes de Diadorim atraem Riobaldo. Um amor falado que não é assumido. Uma amizade que valia mais do que amizade. Um amor surpreendente que conduz várias travessias. Momentos encantadores são descritos. Diadorim também se torna Reinaldo no mundo dos bandos de jagunços para vingar a morte de seu pai – Joca Ramiro. Mas depois nos surpreende com sua identidade de Maria Deodorina. Identidade revelada na morte resultante da luta contra Hermógenes, o tinoso que foi morto pela fúria da vingança. Um matou o outro numa luta feroz. O leitor segue todos esses rodopios do amor. O amor como força descomunal toma conta das personagens que se entrelaçam com seus medos e coragens. Amical e Eros se entrelaçam. Os atravessamentos discursivos das narrativas revelam toda força expressiva da linguagem. A contação das reminiscências se assemelha ao relato do sonho. Tudo parece confuso, mas tem sentido. O caos vai tomando forma na medida em que vamos mergulhando no romance. A versão sertaneja do mito do Fausto vai se configurando numa narrativa que mostra o quanto o viver sertanejo é marcado pelos perigos da existência. Os contornos dados ao já vivido ganham formas de um relato criativo e fascinante.

Riobaldo precisa romper seu silêncio e narrar. O relacionamento perturbado com Diadorim e o diabo precisava ganhar elaborações. A situação analítica exige do par analítico paisagens discursivas abrigadas pelo silêncio. Ali, busca-se dar nomes ao vivido pela troca de afetos com diferentes objetos de amor e ódio. A história de uma vida é contada para se encontrar sentido. O relato dessa história não significa apresentar dados que possam ser verificados. A escrita da clínica psicanalítica também é inventada. Ela não segue o modelo de um prontuário regido pela fidelidade dos fatos observados. O que se espera da narrativa de Riobaldo é o compartilhamento de uma experiência de vida. O que se aguarda não é a coerência discursiva, mas a expressão que busca encontrar sentido. Em seu ofício de analista, quando Bollas escreve um caso clínico, ele escreve também a si mesmo. Do mesmo modo, ao escrever seu romance, Guimarães Rosa também acaba se escrevendo.

A fecundidade da linguagem se mostra forte na expressividade do sujeito falante. Para Merleau-Ponty, está no ímpeto do sujeito falante a sustentação da invenção de novos sistemas de expressão de uma língua. Eis um empreendimento paradoxal, pois abarca, ao mesmo tempo, expressões aparentadas, para que possa ser ouvida por



outrem, mas também revela expressões inovadoras, para que se propague o caráter inesgotável do esforço de dizer o que nunca foi dito. Esse não dito não se restringe àquilo que se guarda como um segredo não revelado ou algo que não alcança a devida expressão para o outro. Estamos nos referindo ao caráter inconsciente que circula como um afeto desprovido de nome. É no cruzamento dos caminhos de dizer o que jamais foi dito que Merleau-Ponty, Guimarães Rosa e Christopher Bollas se encontram.

Há um esforço de expressão mesmo que os vocábulos não consigam satisfazer nossas performances linguísticas. O exercício vivo da fala e da escrita cumpre um papel de revelar uma fórmula racional que seja compreensível. Todavia, a clareza não é a essência da comunicação, quando se considera a expressão enquanto força criativa de prostrar o mundo numa conversa que foge o caráter canônico da língua. Está na necessidade de expressão o exercício vivo da linguagem. Não importa em que língua estejamos falando. Criar uma comunicação, seja na filosofia, na literatura ou na psicanálise, para dizer mais do que jamais se disse é buscar fortalecer a expressividade da linguagem. Nesse sentido, os signos, os morfemas e as palavras vistas de maneira isoladas nada significam. É no jogo combinatório desses elementos que a linguagem vai sendo construída em seus contextos falados e ouvidos. Está em cada criança que começa a se comunicar o esforço de toda humanidade em perceber o outro no mundo que carece de ser proseado. O prostrar ganha aqui os contornos de condutas que são comuns às convivências humanas nos diferentes grupos sociais e culturais. Não é por meio de um vácuo de comunicação que a fala originária emerge, mas de comportamentos comuns do mundo sensível que se deixa ser provado pelas trocas de afetos entre os corpos. Existe uma comunicação primordial e silenciosa que está na origem da inauguração de toda forma de comunicação.

Consideramos que, por meio de seus modos peculiares, Merleau-Ponty, Guimarães Rosa e Christopher Bollas buscam considerar a fala antes dela ser pronunciada. O desafio é considerar a fala sobre o fundo de silêncio que a precede. O tecido do dito é sempre tramado nos fios do não-dito. Os autores mencionados buscam viver a linguagem em sua operação significativa originária. Merleau-Ponty usa o exemplo da pintura, que é uma arte muda, para mostrar a força expressiva da linguagem que se faz no fundo do silêncio. Para ele, o ato de pintar tem duas faces. De um lado, existe a mancha de tinta que se põe num ponto da tela. Do outro, há o efeito dessa mancha no conjunto da tela. Uma coisa é uma palavra isolada que emerge do silêncio. Outra coisa é o efeito dessa palavra no contexto da fala como um todo. As duas artes são usadas para realizar o reaprender a ver o mundo que é próprio do filosofar, da literatura e da psicanálise.

Quando uma pessoa procura um analista para iniciar um processo de análise, ela apresenta sua demanda de análise, em seguida começa a contar sua história e, na sequência, parece não ter mais nada para dizer. Mas essa etapa nos aponta para a dimensão pensada e representada da linguagem. Segundo Bollas (2015), é preciso considerar nossos vínculos estabelecidos pela ordem do não pensado ou do não representado. A experiência estética daquilo que não é mentalmente representado toma o outro como objeto transformacional na medida em que o outro pode ser a presença viva de uma conexão prazerosa, desprovida de elaborações pensadas. As vinculações transformacionais geram conhecimentos de natureza mais operacional e menos representacional. O esforço do processo analítico é tornar conhecido o não pensado. Identificamos a presença desse esforço nos três autores escolhidos para fazer esse texto.

Já estamos no mundo com nossos corpos se relacionando silenciosamente com os corpos dos outros. Desejar expressar tal situação ontogenética pelos escritos filosóficos, literários e psicanalíticos é um projeto de transferir o conhecimento não pensado para o pensado e, desse modo, abrir um horizonte de sentido que nunca foi

encontrado. Esse horizonte produz desvios ao instituído e ao convencional. As acomodações são perturbadas pela busca do extraordinário. A maneira que se tem de se instalar no mundo com o peso da vida e da morte anima a caráter expressivo da linguagem. É esse caráter que faz a linguagem saltar sobre as coisas em direção ao encontro da criação de sentido.

Traços cartográficos, estabelecidos geograficamente, não alcançam a pluralidade de vivências e sentidos possíveis dos sertanejos que expressam seus estilos de vida. Paisagens percebidas e proseadas em diferentes contextos de vida assumem a força expressiva da linguagem. É nessa perspectiva que Guimarães Rosa afirma que no sertão tudo é perdido e achado, ao mesmo tempo. Todos têm suas peijas para existir ao seu modo. Tudo existe e é existível. O sertão nasce nas vestimentas, nas comidas, nas caminhadas, no trabalho, nos saberes, nos olhares, nos silêncios e, de maneira especial, nos proseados das rodas de conversas. Poder dizer o sertão dito de diferentes modos caracteriza a força expressiva da linguagem. É difícil acolher o diferente ou o estranho como uma possibilidade de existir. Muitas vezes pessoas revelam seus gestos esquipáticos nas letras de Guimarães Rosa. O extravagante, esquisito ou um estilo singular é central no modo sertanejo de existir. Mas, esses sertanejos não são apenas modos de ser regionalizados. Guimarães Rosa revela o ser humano universal. Seu romance tem uma força filosófica na medida em que o texto é dirigido aos leitores do mundo inteiro. As aventuras de ser sertanejo são tratadas com contornos que problematizam questões da vida humana. Disputas de poder, combates em bandos e repressões de forças da ordem do estado colocam em cena questões humanas; não importando o lugar. Amizade, amor, ódio, ciúme, honra, traição, vingança e dignidade balizam as vidas romanceadas por Guimarães Rosa. Narrativas de proseamentos se intensificam no romance examinado. Nessas narrativas, o sertão é sempre do tamanho do mundo, transcendendo seus limites regionais.

Mesmo proseando na filosofia, na literatura ou na clínica psicanalítica para falar de diferentes temas, o permanente sujeito de nossas falas é sempre o ser humano que se revela nas suas diferentes travessias. Foi a tonalidade expressiva ou inventiva da linguagem que sustentou nossa caminhada de leitura e escrita para a feita desse artigo.

## REFERÊNCIAS

- BOLLAS, Christopher. *A sobre do objeto: psicanálise do conhecimento não pensado* (1987). São Paulo, Escuta, 2015.
- BOLLAS, Christopher. *Forças do destino: psicanálise e idioma humano*. São Paulo, Escuta, 2021.
- FREUD, Sigmund. *Recordar, repetir e elaborar* (1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo* (1946). Petrópolis, Vozes, 2008.
- KHAN, M. Masud R. *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos* (1974). Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1987.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception* (1945). Paris, Gallimard, 1992.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le visible et l'invisible* (1964). Paris, Gallimard, 1991.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *La prose du monde* (1969). Paris, Gallimard, 1992.
- MELVILLE, Herman. *Moby Dick, ou a baleia* (1851). São Paulo, Editora 34, 2019.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas* (1956). 22<sup>a</sup> ed., São Paulo, Companhia das Letras 2019.